

**GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação****AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DAS MÚSICAS POPS COMO PRODUTORAS  
DE IDENTIDADES INFANTIS SEXUALIZADAS**

Clara Beatriz Santos Pereira da Silva (UFRN)  
clarinharn@hotmail.com

Mariangela Momo (UFRN)  
marimomo@terra.com.br

**1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo procura evidenciar e problematizar alguns dos possíveis efeitos dos discursos das músicas *pops* na constituição das identidades infantis, destacando especialmente as canções *pops* que podem desencadear a erotização infantil, e, de alguma forma, estimular a sexualidade das crianças. É preciso deixar claro que o termo *pop* ao qual o trabalho se refere é no sentido de popular, capaz de influenciar massas. Para a seleção das músicas e realização das análises este estudo se fundamenta no Campo dos Estudos Culturais em Educação e opera com os conceitos de pedagogias culturais, identidade e sexualidade e também se utiliza do conceito de discurso de Michel Foucault.

Com a finalidade de acrescentar elementos à compreensão do universo infantil, este permeado por influências da mídia, foi escolhida uma música, entre as mais ouvidas no biênio 2013-2014 para compor o corpus de análise da Pesquisa. Entre os principais critérios de escolha, destaca-se que o conteúdo da letra selecionada para análise apresenta um forte apelo a erotização. Na realização das análises das letras das músicas *pops* procurou-se evidenciar algumas regularidades discursivas que ajudam a compreender como os sujeitos infantis estão sendo constituídos pelos discursos dessas músicas e procurou-se identificar aspectos que

remetem à erotização, à sexualidade e a identidades de gênero. A partir dessas análises também se realiza uma breve reflexão sobre o tipo de infância que tem sido vivida na contemporaneidade.

É importante destacar, entretanto, que esta pesquisa busca pensar sobre os possíveis efeitos do consumo infantil das músicas *pops*, a partir dos discursos das canções que são voltadas para um público adulto, mas maciçamente consumido pelas crianças contemporâneas. Com base em diversos autores pesquisados entre eles Hall (2004) e Bauman (2005), este trabalho concebe a identidade como uma construção cultural que passa por transformações e agrega novas abordagens conceituais. O estudo do conceito identidade está fundamentado no campo dos Estudos Culturais em Educação e é desenvolvido a partir do suporte teórico da Análise do Discurso, na perspectiva de Michel Foucault. Neste sentido, procura-se estabelecer relações entre os discursos evidenciados nas letras das músicas e o processo de subjetivação cultural dos sujeitos infantis na contemporaneidade. Dito de outro modo, a pesquisa procura compreender os efeitos de como os discursos das músicas *pops* constituem as identidades de gênero e colaboram para o processo de construção da sexualidadedos sujeitos infantis.

Julgamos que esta pesquisa é importante para o campo da Educação, pois colabora na compreensão de alguns aspectos da infância contemporânea, uma vez que não é apenas na escola e na família que ocorrem os processos educativos das crianças. A partir da compreensão de pedagogia cultural passamos a entender que existem outras possibilidades pedagógicas que atuam na educação das crianças, produzindo outros conceitos de verdade sobre o que é ser criança, produzindo identidades de gênero e sexualidade mesmo para crianças muito pequenas. Um dos desafios da escola contemporânea é perceber as mudanças que vem acontecendo nas formas das crianças viverem a infância nos dias de hoje para que a partir daí possam estruturar propostas pedagógicas condizentes com as necessidades do mundo contemporâneo.

## **2 IDENTIDADE CULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE**

Em primeiro lugar é importante destacar que é muito difícil falar de identidade sem se remeter à cultura, já que a constituição da identidade se faz em meio às relações culturais em um processo no qual são os sujeitos que atribuem sentido para as coisas já existentes. Por outro lado, torna-se difícil falar de identidade sem considerar o sujeito como um indivíduo que possui características específicas e únicas e que também opera sobre a cultura na qual está

inserido. Com base nesses aspectos, fica evidente que o conceito de identidade abriga diversas versões de cunho sociológico, psicológico, filosófico, etc. Uma forma de entender a identidade cultural no campo dos Estudos Culturais está ligada a ideia de compreender a cultura como sistemas e práticas simbólicas de significações que os sujeitos dão para as coisas existentes.

As identidades surgem em momentos históricos diferentes e únicos e por isso passam por constantes processos de mudanças. Neste sentido, a identidade pode ser entendida como permanente processo de construção, ou seja entendida por meio do conceito de “identidade cultural”. Uma das principais obras que definem esse conceito é o livro *Identidade cultural na pós-modernidade*, de Hall (2004). Nele o autor destaca que o processo de negociações entre identidades são resultantes do processo de diálogo entre as diferentes culturas, através do mundo globalizado, ocorrem misturas culturais que constituem novas identidades culturais ou identidades híbridas. Até chegar nesse conceito o autor fez na referida obra, uma retrospectiva do conceito de identidade, deixando bem claro que o conceito sempre existiu, apenas assumiu novas formas de acordo com cada momento histórico.

Hall (2004) evidencia três concepções diferentes de identidade: sujeito do iluminismo; sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. No que se refere ao sujeito do iluminismo, a concepção de identidade estava baseada na ideia de um indivíduo totalmente centrado e unificado. O homem é compreendido como um indivíduo centrado, racional, que nasce com um núcleo interior, este se desenvolve ao longo da vida. Nota-se que a concepção da identidade do sujeito iluminista é extremamente individualista.

A concepção do sujeito sociológico fundamenta-se no argumento de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo, nem autossuficiente. Porém, a identidade do sujeito sociológico é formada a partir das relações com as outras pessoas que são importantes para ele. Dessa relação com os outros se estabelecem os valores, significados e símbolos, caracterizando a sua identidade cultural. De acordo com essa concepção, a identidade é formada com a interação do eu com a sociedade.

No que diz respeito ao sujeito pós-moderno destaca-se o fato de o sujeito não apresentar uma identidade unificada, mas fragmentada. Em outras palavras, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa e estável, sua identidade passa por constantes transformações assumindo diferentes identidades em diferentes momentos. Essas definições de sujeitos fundamentam o fato de que as identidades são transformadas continuamente de acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade. Com base em Laclal (1990), Hall (2004), argumenta que as diferenças podem ter um caráter positivo, já que quebram o conceito de

identidades unificadas, estáveis do passado e possibilita uma interação com outros sujeitos surgindo assim novas identidades.

A partir dos sujeitos elencados por Hall (2004), podemos entender o posicionamento de algumas teorias em relação ao processo contínuo de mudanças de identidade na Modernidade.

Nesse movimento algumas teorias têm sido importantes, como, por exemplo, a psicanálise, o estruturalismo e o pós-estruturalismo. A primeira ao questionar o caráter inato da identidade e propor que o sujeito vive incessantes processos de identificação que nunca são concluídos. O estruturalismo de Saussure e o pós-estruturalismo de Foucault e Derrida, ao posicionarem o sujeito no interior dos sistemas de significação e destacarem a impossibilidade de fixação de sentidos (LOPES; MACEDO, 2011, p.223).

É importante salientar que as abordagens que fundamentam o conceito de identidades culturais são as estruturalistas e as pós-estruturalistas. Como a citação acima afirma, essas abordagens fundamentam-se na concepção de que os sujeitos estão inseridos em um sistema de significação e destacam que os sentidos dados às coisas não podem ser fixos. De acordo com Passos (2012) referindo-se a Saussure, autor que se apoia nas bases estruturalistas, “os signos só podem ser entendidos numa cadeia de diferenciação linguística”. Para o autor o signo só passa a ter sentido ao diferenciá-lo com outros signos, isto é, o ato de nomear isoladamente não atribui significação, é preciso fazer relações com outros signos, estabelecendo contrapontos. Assim, o conceito de homem só passa a ter sentido pela oposição ao conceito de mulher, ou seja, as identidades são definidas pelas diferenças que se estabelecem em relação a outras identidades e não por algo que lhes caracteriza como único.

É preciso deixar claro que apesar de o estruturalismo e o pós-estruturalismo situarem o sujeito no interior do sistema de significação, a abordagem pós-estruturalista, ao contrário da perspectivava estruturalista, é contra o binarismo evidenciado no discurso de Saussure. A abordagem pós-estruturalista não defende o fato de comparar apenas duas posições, como explica Lopes e Macedo (2011, p.225):

[...] Numa leitura pós-estruturalista, essa afirmativa só é válida em condições muito específicas: se a linguagem pudesse ser vista como estrutura estática, em que a posições dos termos, uns em relação aos outros, estivessem predefinidas. Se, em outras palavras, fosse possível estancar a proliferação de sentidos.

Para o pós-estruturalismo não existe só “isso” e “aquilo”, é importante estabelecer relações com uma infinidade de outros sentidos possíveis. Neste sentido, fica evidente que o conceito de identidade e a diferença estabelecem uma relação de extrema dependência. Silva

(2005, p.75) exemplifica essa relação entre a identidade e a diferença da ideia “Por trás da afirmação sou brasileiro, deve-se ler: ‘não sou chinês’, não sou japonês’ e assim por diante [...]”. Nesse exemplo, percebemos que a partir das diferenças estabelecidas são definidas as específicas identidades. Dessa forma, a identidade não é definida pelo que o sujeito propriamente é, mas pelas diferenças que este estabelece com os outros.

Lopes e Macedo (2011) mencionam que para o pensamento pós-estruturalista o que é relevante é apenas a diferença e não aquilo que os diferencia, pois o que é diferenciado muda de acordo com o contexto. As autoras ainda relatam que não há identidades, mas identificações contingentes, essas identificações são decorrentes das formações dos discursos históricos e sociais, ou seja, é em contato com outras representações, dentro do sistema de significação, que os sujeitos constroem suas identidades.

Outro aspecto que nos permite definir a identidade cultural seria o seu caráter de ambivalência, justificado pelo fato da mesma estar sempre em processo de oscilação. “Num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas da ambivalência” (BAUMAN, 2005, p.38). A identidade não deve ser entendida como algo inventado, isto é, pronta e acabada, mas como algo em processo de construção.

Bauman (2005) faz uma analogia do conceito de identidade com o quebra-cabeça e coloca que a identidade não funciona como um quebra-cabeça, pois não começa pela imagem final previamente definida. Nos alerta que o quebra-cabeça que compramos na loja está com as peças completas, ao agrupá-las, só podemos formar uma específica imagem final. Neste sentido, a construção da identidade, se fundamenta em uma lógica contrária, porque possui peças infinitas que se configuram como um quebra-cabeça incompleto, ao qual faltam muitas peças que podem formar outras imagens. Uma identidade acabada, fixa e solidamente constituída se configura como uma limitação de liberdade, para resumir se configura como uma longa receita de inflexibilidade.

Enfim, percebe-se que o conceito de identidade cultural molda-se de acordo com os processos de mudanças que ocorrem nas sociedades e à medida que os sujeitos se identificam com culturas particulares. Sendo assim, fica-se evidente o fato de que nenhuma identidade é singular, pois as identidades são reconstituídas continuamente.

### **3 A REDE DISCURSIVA QUE ATUA NA CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES INFANTIS: ANÁLISE DE UMA CANÇÃO POP QUE ESTIMULA A EROTIZAÇÃO E A SEXUALIDADE INFANTIL**

É muito comum vermos crianças cada vez mais novas cantando e dançando ao som de refrãos de músicas que estão em voga na mídia, utilizando roupas e calçados impróprios para a sua idade. As músicas pops que fazem mais sucesso tornam-se febre entre os meninos e meninas, muitas vezes sem conhecer bem os discursos que emitem essas músicas as crianças estão sempre ouvindo ou dançando. Mas quais os possíveis efeitos dessas músicas no desenvolvimento do sujeito infantil?

A pergunta é sugerida a partir de uma série de indagações a respeito das questões que apontam o papel da escola em meio a cultura contemporânea. Faz-se essa afirmação ao considerar que a instituição escolar é legitimada como referência para a constituição dos sujeitos e ao levar em conta o descompasso entre a escola e a sociedade no que diz respeito aos avanços tecnológicos e as novas linguagens existentes no mundo. A pergunta “Mas quais os possíveis efeitos dessas músicas no desenvolvimento do sujeito infantil?” faz muito sentido neste trabalho que procurou identificar alguns possíveis efeitos em relação aos discursos das músicas *pops* na constituição das identidades infantis. Como possibilidades de respostas para esse questionamento é importante perceber que não existe um único e solidificado conceito de infância.

Ao contribuir para desmistificar um conceito único de infância, chamando atenção para o fato de que existem *infâncias* e não infância, pelos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que envolvem essa fase da vida, os estudos de Ariès apontam a necessidade de se desconstruir padrões relativos à concepção burguesa de infância. Esse olhar para a infância possibilita ver as crianças pelo que são no presente, sem se valer de estereótipos, ideias pré-concebidas ou práticas educativas que visam moldá-las em função de visões ideológicas e rígidas de desenvolvimento e aprendizagem. (BRASIL, 2007, p.27).

Neste sentido, podemos perceber que as crianças são constituintes e sobremaneira constituídas pela cultura, aspectos diversos da cultura podem constituir as *infâncias* contemporâneas. A música tem um papel importante nos aspectos afetivo e social de meninos e meninas na infância. A partir daí a escola não pode estar preza a ideias pré-concebidas de infância, mas sim procurar compreender como se dá a influência da mídia que atua na constituição das identidades dos sujeitos infantis.

É preciso deixar claro que uma pesquisa como esta que visa compreender os aspectos das músicas que constituem possíveis efeitos em relação a erotização e a sexualidade infantil, não pode ficar limitada à análise das letras das canções. Para problematizar o conteúdo das letras é importante considerar alguns aspectos que estão além das letras propriamente ditas, como os elementos que definem o exterior das músicas, a maneira como os autores das músicas estão representados socialmente, quais valores estão explícitos no consumo de determinadas músicas. Estes aspectos podem ajudar a explicar como se constitui a sexualidade das crianças, as identidades de gênero, e a partir daí melhor compreender as crianças contemporâneas.

Ao se analisar a letra de uma canção específica, esta representa apenas um recorte do discurso que está sendo propagado pelas músicas pops, por isso é preciso considerar os múltiplos contextos em que a música está sendo consumida, tal como sugere Foucault:

é preciso tomar consciência de que estes recortes - quer se trate dos que admitimos ou dos que são contemporâneos aos discursos estudados -são sempre, eles mesmos, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: por sua vez, eles são fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado de outros, que mantêm certamente com eles relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis. (FOUCAULT, 2002, p. 25).

Ao analisar a letra de uma música é indispensável que se considerem os contextos em que as músicas foram produzidas. Ao mesmo tempo não se pode julgar qual nível de produtividade as letras das canções pops incidem sobre os sujeitos mas se pode considerar os sentidos enigmáticos e polissêmicos das letras, que fazem relações com outros discursos. Por isso, não é viável que se considere apenas a letra da música, isoladamente, como um recorte do discurso. É preciso estar ciente de que os discursos que estão refletidos nas letras das canções são rodeados de especificidades que se relacionam com outros aspectos da cultura. Por isso, é fundamental fazer relações das letras das canções com outros discursos.

Ao problematizar a letra de uma música *pop*, faz-se uma análise linguística, isto é, procura-se compreender o pensamento da canção. Em relação a isso Foucault (2002, p. 31) coloca que para entender o que está sendo transmitido por enunciado de um discurso é preciso

[...] reconstituir um outro discurso, de descobrir uma palavra muda, murmuramente, inesgotável, que anima do interior da voz que escutamos de reestabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma.

Para entender um enunciado de uma música *pop* é importante observar a intenção da letra, é importante analisar as mensagens que estão sendo propagadas implicitamente em um discurso. Um enunciado presente no discurso de uma música popular que faz sucesso, por mais que possa ser esquecido após o sucesso, por mais banal que seja “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente.” (FOUCAULT, 2002, p.32). O que o autor quis dizer com essa afirmação é que um enunciado é um acontecimento estranho, inicialmente porque está ligado à escrita, em seguida porque é único como todo acontecimento, mas está sujeito à repetição, e por não estar ligado apenas a situações que provoca, mas ao mesmo tempo a enunciados que precedem e o seguem.

Neste sentido, é preciso ter em mente que a análise dos acontecimentos discursivos presentes nas músicas *pops* não está limitadas, de maneira alguma, ao que está escrito na letra das canções, o recorte do discurso não representa uma análise definitiva, mas uma aproximação, um esboço que define quais relações está presente no consumo das músicas *pops* para a constituição das identidades infantis.

É mais relevante compreender como o poder é exercido do que identificar a fonte pela qual o mesmo é propagado, neste caso a fonte seria a própria música pop e uma das maneiras de identificar como o poder está sendo exercido sobre os sujeitos seria analisando o consumo cultural destas músicas. É importante destacar que através da mediação da mídia acontece um fenômeno reconhecido como a “*adultização*” das crianças, isto é, as crianças estão consumindo cada vez mais cedo músicas com conteúdos que não tem maturidade para compreender. Neste sentido, foi escolhida a letra de uma música para análise. O principal critério de escolha refere-se ao fato da mesma ter sido uma das mais ouvidas pelo público massivo, incluindo crianças e adultos.

A letra citada a seguir é uma música da banda Psirico, lançada em 2013 que em pouco tempo se tornou um dos maiores sucessos nacionais, tocando em várias rádios do país. Por ser uma das músicas mais requisitadas no biênio 2013-2014, fazendo sucesso, nas rádios, na TV e na internet, foi escolhida para compor o corpus de análise desse estudo, abordando questões sobre o consumo cultural das músicas *pops* e quais os possíveis efeitos que os discursos dessas canções podem ter na constituição da sexualidade e das identidades infantis, incluindo a identidade de gênero.

### **LepoLepo<sup>1</sup>**

Psirico

Ah, eu já não sei o que fazer

Duro, pé-rapado e com o salário atrasado

Ah, eu não tenho mais pra onde correr

Já fui despejado, o banco levou o meu carro

Agora vou conversar com ela

Será que ela vai me querer?

Agora vou saber a verdade

Se é dinheiro, ou é amor, ou cumplicidade

Eu não tenho carro, não tenho teto

E se ficar comigo é porque gosta

Do meu rá rárárárará o lepolepo

É tão gostoso quando eu rá rárárárará o lepolepo

Ao observar a letra da música percebe-se um forte apelo à erotização, tanto no conteúdo da letra, quanto nos movimentos utilizados para dançar. É muito comum nos contextos escolares as crianças dançarem e cantarem a música em voga na mídia, por isso a necessidade de analisar os discursos explícitos nas mesmas “(...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, o poder do qual queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2013, p.10). De acordo com a afirmação, observa-se que o discurso evidenciado na letra da canção não pode ser entendido apenas pelos significados que a letra traduz, mas as relações de poder que as mesmas podem exercer a partir do momento que a crianças a consomem, em outras palavras, os efeitos dos conteúdos dessas canções sobre a forma de ser das crianças.

No nível do discurso, a estrutura da letra revela um enunciado que critica a sociedade em que vive o protagonista/homem vive e caracteriza um espaço e um tempo vivido no momento presente. O enunciador encontra-se em uma situação economicamente desfavorável e faz uma crítica aos valores da sociedade atual, quando diz que as pessoas são importantes pelo que tem financeiramente e não pelo o seu “ser” genuíno. A pessoa “eu” está presente no enunciado e ao longo do discurso procura exaltar a importância do sexo, que neste caso está representado pela expressão “*lepolepo*”. O “eu” evidenciado na música constrói o mundo ao seu redor e a si mesmo. Outro aspecto importante evidenciado no discurso da música são os aspectos para além da letra, como nos informa Foucault (2013) temos que estar atentos aos aspectos da exterioridade do discurso.

---

<sup>1</sup>Composição de Magno Santana/Felipe Escanurras. Disponível em:<<http://letras.mus.br/psirico/lepo-lepo/>> Acesso em: 27 abri. 2014.

(...) exterioridade: não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o seu âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar as suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras. (p.50).

O autor relata que para realizar uma análise crítica de um discurso é importante partir do próprio discurso significante, neste caso, a letra da música e partir daí passar para suas condições externas que podem ser variadas. Mas neste estudo nos limitaremos aos efeitos que os conteúdos desta música têm na constituição da sexualidade e das identidades dos sujeitos infantis. Um dos aspectos externos poderia ser exemplificado pela coreografia da canção. A mesma é marcada por gestos que lembram posições sexuais e articulações com o corpo que enfatizam os órgãos genitais. Como podemos observar a imagem a seguir:

Figura 1- Criança dançando “*Lepo Lepo*”



Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=fGlyTsZav4>> Acesso em: 27 de abr. 2014

Na imagem apresenta podemos comprovar que apesar de ser uma criança muito pequena, é capaz de consumir e se apropriar dos discursos da música. Ao dançar a coreografia, evidencia o órgão sexual masculino, demonstrando que o discurso da música, explícito pela letra e coreografia, foi capaz de estimular a sensualidade e constituir sexualidade infantil. Os sujeitos infantis se apropriam desse discurso e acreditam em uma verdade ditada pela mídia, verdade evidenciada, neste exemplo pela concepção de gênero homem/mulher, neste caso o homem é representado como um símbolo sexual, quando é mencionado na letra da música que a mulher só vai ficar com o homem por causa do seu “*LepoLepo*”. Destacando a ênfase na erotização por meio da banalização do “sexo”. O conceito de verdade transmitido nos discursos das músicas pops é constituído por um estímulo através da sedução e do prazer. As crianças significam o conceito de verdade por meio do deleite ao ouvir a música e ao dançarem a coreografia. “Por ‘verdade’, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados.” (FOUCAULT, 2006, p.14). As crianças consomem

precocemente os conteúdos dessas músicas, neste caso, o tema “sexualidade” assume o papel protagonista no universo infantil, assim o erótico e o excitante estão cada vez mais presentes na vida das crianças, entretanto, deveria ser privilegiando a construção das emoções, relações sociais e de afetividade das crianças.

O consumo precoce de músicas que apresentam um conteúdo inapropriado para as crianças faz com que estas percam aspectos da infância que são fundamentais para o seu desenvolvimento, extinguindo atitudes que são próprias para a fase da infância. Neste sentido, há um regime de verdade na sociedade que aponta sobre o consumo infantil de músicas com conteúdos inapropriados para a infância, esclarecendo que o regime de verdade não é algo naturalizado, mas algo que foi se constituindo culturalmente, perante o funcionamento da sociedade. De acordo com Foucault (2006) o regime de verdade pode ser entendido como um conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos de poder. A partir daí podemos inferir que o conceito tido como verdadeiro e/ou legitimado é fato dessas músicas serem consideradas inapropriadas para as crianças, por apresentar conteúdos que as mesmas não têm maturidade suficiente para entender, por isso as músicas *pops* tem o poder de influenciar a sexualidade e definir identidades infantis.

Algumas condições são impostas pela sociedade para cultivar esse regime de verdade, isto é, alguns fatores enfatizam como esse discurso considerado verdadeiro é recorrente na sociedade. Como o regime de verdade é algo constituído culturalmente, há uma rede discursiva, isto é, diversos campos com suas características específicas, fundamenta a verdade de que músicas com conteúdos eróticos são inapropriadas para os sujeitos infantis. No discurso Jurídico, o Estatuto da Criança e do Adolescente diz que:

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (BRASIL, 2001, p.13).

De acordo com a afirmação acima é possível perceber que existe uma recomendação governamental na qual deve respeitar a integridade física e psíquica das crianças, para isso observa-se que as crianças são postas como sujeitos “frágeis” que não podem sofrer qualquer tipo de agressão que destrua a sua integridade. Neste caso específico, alguns conteúdos ambíguos presentes nas letras das canções podem violar a integridade dos sujeitos infantis, desencadear a erotização infantil e afetar a constituição das suas identidades.

No discurso do campo da psicanálise, como os estudos de Freud, coloca a sexualidade infantil no centro da vida psíquica. O ser humano passa por fases que caracterizam o seu amadurecimento em relação aos aspectos que constituem a sua sexualidade. A partir dos estudos de Freud foi possível observar que a função sexual existe desde o princípio da vida e não só a partir da puberdade. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999) a teoria freudiana divide o desenvolvimento do sujeito em fases. Assim Freud postulou fases do desenvolvimento sexual em: a fase oral (zona de erotização da boca), fase anal (zona de erotização do ânus), fase fálica (a zona de erotização é o órgão sexual), período de latência, caracterizado pela diminuição das atividades sexuais e por fim a fase genital quando o objeto de erotização deixa de ser o corpo e passa a ser um objeto externo ao indivíduo.

Sendo assim, é possível observar que na infância a criança possui uma sexualidade com características diferentes da fase adulta, pois não passou por todas essas fases e não é capaz ainda de organizar um todo coerente sobre as impressões eróticas.

O período de desenvolvimento da sexualidade é longo e complexo até chegar à sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção do prazer podem estar associadas, tanto no homem quanto na mulher. (BOCK, FURTADO e TEIXARA, 1999, p.74).

Resumindo a criança não apresenta maturidade para compreender as ambiguidades em relação à erotização, presente nas letras das músicas pops. Entretanto, o consumo de músicas com esse caráter pode acelerar o processo sexual dos jovens, pulando fases e sendo cada vez mais rápido o início de sua vida sexual.

No discurso da Educação, Subtil (2007, p.76) coloca que a música pode aparecer na escola “(...) de forma aleatória nos recreios, nas filas, nos corredores e aí as crianças cantam o que ouvem, sabem e gostam: as canções das novelas, dos programas de auditórios e até dos comerciais.” Entretanto, existem algumas músicas *pops* que incentivam coisas que crianças não pode fazer, visto que nos discursos dessas letras há uma banalização do sexo. As crianças se apropriam desses discursos a partir do momento que cantam, repetem refrãos e reproduzem coreografias, muitas vezes “condenadas” pela sociedade. Nota-se que a escola não deve competir com a mídia, já que as pedagogias culturais também podem formar pedagogicamente as crianças, através de artefatos culturais como, por exemplo, as músicas *pops*. Portanto, a escola deve possibilitar um jogo dialético estabelecendo relações com os aspectos culturais.

Partindo desse princípio, o ato verdadeiramente educativo seria não a negação, mas a apropriação das mídias em suas possibilidades de emancipação quando produzidas com objetivos democráticos e quando encaradas como objetos de conhecimento. Nessa dimensão, a ênfase na educação para a comunicação midiática deve prever ações que abrangem desde a formação para uma recepção ativa em todas as instâncias – família, escola e grupos sociais – até a formulação de políticas nacionais estimuladoras de produções de qualidade, contemplando as diferenças e práticas sociais regionais. (SUBTIL, 2007, p. 78).

O contato com as teorizações do filósofo Michel Foucault, a partir do conceito de *dispositivo*, possibilitou fazer o entrecruzamento das teorizações, elencando alguns discursos de áreas específicas, neste caso foi possível fazer um cruzamento com a área jurídica, médica e educacional. Assim foi possível construir uma rede de conceitos que ajudam a mostrar quais os feitos dos conteúdos das músicas pops na constituição das identidades infantis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa procurou evidenciar alguns aspectos de como as músicas *pops*, através da mídia tem colaborado no processo de produção da sexualidade infantil, consequentemente definindo as identidades das crianças na contemporaneidade. A mídia tem veiculado algumas músicas com conteúdos que estimula a erotização, buscando atingir seu público alvo, os jovens. Entretanto, os conteúdos que banalizam o sexo, presente nas letras das canções pops, estimulam as crianças a comportamentos que ainda não tem maturidade para compreender.

A análise da música *pop* “*LepoLepo*” serviu para reafirmar que as crianças mantêm um contato direto com o que a mídia produz, dessa forma se apropriam dos discursos das canções com conteúdos erotizados. Assim, esse tipo de música tende a influenciar de forma significativa o modo de “ser criança”, seus comportamentos, estimulando a imitar a sexualidade adulta sem ter maturidade suficiente para isso.

O processo da constituição das identidades infantis hoje decorre das imposições culturais da sociedade de consumo com uma cultura de massa, destacando-se que não se pode desconsiderar os aspectos relacionados à recepção musical dos sujeitos infantis. A música atua em mediações individuais e contextos que definem as diferentes culturas, esta pode interferir nas opiniões e nos juízos de valor dos sujeitos.

Portanto, é importante realizar uma atitude crítica diante das várias influências da mídia, principalmente no que diz respeito a constituição das identidades de gênero e da sexualidade, podendo assim pensar em alternativas para o tipo de sujeito infantil que gostaríamos de formar.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. A psicanálise. In. \_\_\_\_\_. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002. p. 70-82.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. (Org.) JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: 2007.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.degase.rj.gov.br/documentos/ECA.pdf>> Acesso em: 07 Mai. De 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machao. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A produção social da identidade e da diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. Resenha de: PASSOS, L. Linguagens e identidades: sistemas de diferenças. 2012. Disponível em: <<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/08/29/linguagem-e-identidade-sistemas-de-diferencas/>> Acesso em: 27 abr. 2014.

SUBTIL, Maria José Dozza. Mídias, músicas e escola: a articulação necessária. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 16, 75-82, mar.2007.